

## INTRODUÇÃO

Suzi Frankl Sperber

Eis mais um número da revista *Santa Barbara Portuguese Studies* que existe graças à generosidade de Élide Valarini Oliver. - E também graças à sua sabedoria. Porque desta forma contamos com a pluralidade e riqueza decorrente dos diferentes editores, que selecionam leitores, de diferentes leituras, repertórios, referências em cada conjunto de ensaios de cada número da revista, generosa, acolhedora, sábia. E graças aos diferentes lugares de fala.

Os olhares plurais, divergentes, mais historicizados ou mais formalizantes, híbridos em diferentes graus, eis o que chamo de riqueza.

O presente número da revista homenageia João Guimarães Rosa. A riqueza da obra propicia também uma riqueza e diversidade de contribuições.

Willi Bolle apresenta uma contribuição especial com a descrição da topografia real e ficcional de sua viagem a pé pelo sertão que os jagunços de *Grande Sertão: Veredas* percorreram. O artigo é ilustrado com fotos e mapas, o que nos dá uma imagem especial da natureza do grande romance. Ao apresentar sua biografia sucinta, Bolle nomeia três de suas obras. Assim ele nos mostra como dois de seus livros fizeram tal sucesso que foram reeditados. E ele esclarece “Esta trilogia representa uma Topografia Cultural do Brasil: da Metrópole através do Sertão até a Amazônia.” O presente artigo representa, pois, a topografia geográfica não direi do Brasil, mas do sertão de *Grande Sertão: Veredas*.

Sem planejamento há, neste número, três ensaios sobre o conto “Meu tio o Iauaretê”. A diferença de tratamento do conto na ponta do lápis de cada um de seus autores revela o interesse pela obra, mas também, como a mesma pode suscitar abordagens diferentes e às vezes opostas.

O ensaio de Byron Vélez, ao nos oferecer a sua contribuição, faz ao mesmo tempo a crítica de uma série de ensaios anteriores de outros autores apresentando o seu olhar e suas referências. Seu universo é composto a partir das obras de Derrida, Deleuze, pelos estudos dos mais notáveis estudiosos latino-americanos, pelos estudos decoloniais, por um olhar plantado na América Latina e no que a compõe. Trata-se de importante contribuição não só para a compreensão da obra de João Guimarães Rosa, como também para se refletir sobre o

fazer crítica literária, sobre procedimentos nos estudos da literatura. Nos damos conta que cada contribuição apresentada corresponde ao olhar e avanço de seu tempo. A análise de Antônio Cândido apresenta traços ocidentalizantes? Pois como evitá-los se sua formação foi ocidental, a partir de importantes referências ocidentais europeias como Lévi-Strauss e outros docentes dos tempos iniciais da Universidade de São Paulo em formação? A diferença incomodou Véléz? Mas como negar a relevância da contribuição do conceito de perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro? Depois de trinta anos da formulação de Ettore Finazzi-Agrò de que o conto de João Guimarães Rosa teria características pós-modernas é mais possível repensar o assunto e discernir variações e diferenças. A ideia proposta há tanto tempo por Umberto Eco, da obra aberta, que nos permitiu propor recepções e concepções também abertas com relação à leitura de obras literárias – ou mesmo com relação aos diferentes tipos de obras de arte e mesmo com respeito a assuntos como história e política, sociedade e tempo, nos leva a esta riqueza que consiste em não haver uma palavra final e única sobre cada obra literária. Seria melancólico e sinal de pobreza haver um único ponto de vista sobre um produto literário.

O que Véléz pleiteia (entendo que é o que ele indicia) é o que diz Antoine Compagnon: “o referente não tem realidade, ele é produzido pela linguagem” (2001, p. 118);

A própria questão da pós-modernidade tem perspectivas diferentes na Europa, na América e com certeza também na América Latina. Na América Latina, tendo em vista toda a questão da decolonialidade, nossos critérios são outros, naturalmente. Mas um olhar agudo como o de Véléz nos abre os olhos, chamando a atenção para outros valores e desafios.

O estudo de Clarissa Marchelli sobre “Meu tio o Iauaretê” trabalha com noções éticas a partir sobretudo de leituras de Platão, que vertem para a compreensão que Guimarães Rosa tem das populações indígenas. Marchelli aponta que a valorização dos povos indígenas por parte do Autor foi inovadora e corajosa.

O ensaio de Sperber, também sobre “Meu tio o Iauaretê”, abrange noções éticas e também históricas, geográficas, antropológicas e políticas. E também mostra o tratamento da questão indígena por parte de João Guimarães Rosa.

Cada um dos ensaios aqui publicados se empenhou em reconhecer nuances, valores, a partir de detalhes da obra do grande autor. Sempre reconhecem que João Guimarães Rosa optou, desde suas primeiras obras, por valorizar e dar visibilidade aos socialmente desvalorizados. Toca-me fortemente a ideia de que, na civilização ocidental, particularmente, dominar é controlar, como o coloca Anita Moraes. Moraes parte de uma análise aguda da

Dialética do Esclarecimento, abrindo nossos olhos para certas questões que não facilmente nos ocorrem. A saber, que não nos ocorrem. Eis um esclarecimento para os leitores.

Júlio Augusto Xavier Galharte nos apresenta algo novo. Ou diferentemente novo: o cinema na obra de João Guimarães Rosa. E não qualquer cinema: Kurosawa; Eisenstein e Fellini. Pobreza e morte congregam as relações. Então, sociedade, resiliência, morte, alegria se reúnem. Vale lembrar da ética da alegria, referida por Gilles Deleuze: “alegria é o afeto que corresponde a um aumento de minha potência.” Claro que lembra Oswald de Andrade, que Guimarães Rosa conhecia, e que formulou: “A alegria é a prova dos nove”. Sim, vemos que Rosa não apenas traz os pobres para o palco. É preciso ver como ele o faz. Galharte – e Moraes – mostram que, ao invés do modo dos tiranos, dos bufões, dos escravos analisados por Deleuze, para quem “é necessário sempre reduzir os ânimos.”<sup>1</sup>, referentes ao outro, “[é] necessário sempre que encontrem uma pequena ignomínia, uma ignomínia na ignomínia, [...]”<sup>2</sup>, Guimarães Rosa os revela como homens potentes (na sua fraqueza), tal como Deleuze nos ensina a ver a partir de Spinoza, que contrapõe à visão redutora dos tiranos, escravos, bufões “[...] a concepção de um homem forte, um homem potente, [...]” graças à alegria, liberdade, acolhimento, enfim, tal como são descritas as figuras humildes rosianas desde sua primeira obra – com suas complexidades.

Não é hábito que se inclua uma produção autoral, ficcional, em homenagem a Autor. Acolhi o poema dramático de Alckmar Luiz dos Santos, que entendo ter uma vivacidade poética forte ao retomar a obra de João Guimarães Rosa, sem deixar de ter contornos do próprio poeta. Ele refere diversos personagens arquetípicos, como Zé Bebelo, Rosa’uarda, ou ‘eu sozim’, inspirados em *Grande Sertão: Veredas* e outros escritos rosianos, como Meu tio o Iauaretê, S. Marcos, A hora e a vez de Augusto Matraga. Tem a potência de retomar temas relevantes como o sagrado, ou a transformação decorrente da iniciação. A narrativa tem densidade, um enfoque poético e uma exploração de temas que enriquecem o presente dossiê. E para quem tenha alguma dúvida a respeito do título, a ser lido brasileiro, quer dizer mesmo “o que vi”... Revelando que o poema dramático espelha um olhar possível de leitura da obra de Guimarães Rosa por parte de não ilustrado: ocovi. Sim, por conta da valorização do inculto, do rústico, do sáfio.

---

<sup>1</sup> Deleuze, G.. *Curso Spinoza de 9-12-1980*. Fortaleza, EdUECE, 2019, p. 116.

<sup>2</sup> Idem, p. 117.